

Acesso a informações sobre saúde na internet e possíveis implicações na relação médico-paciente

Access to health information on the internet and possible implications for the physician-patient relationship

Acceso a la información de salud en internet y posibles implicaciones para la relación médico-paciente

Fernanda Folgosi¹, Júlia Faria Reis², Ana Júlia Martins Lauck³, Eduarda Almeida Dutra da Conceição⁴, Amanda Malheiros⁵, Joaquim Pedro Figueira Marques⁶, Constanza Thaise Xavier Silva⁷

RESUMO

Objetivo: avaliar o uso da internet pelo paciente no acesso a informações sobre saúde e possíveis implicações na relação médico-paciente. **Método:** estudo descritivo, transversal e quantitativo, realizado entre abril e maio de 2022, em Anápolis, Goiás. Utilizou-se questionário validado sobre o uso da internet. Aplicou-se o teste G para associação do uso da internet em relação ao sexo e a faixa etária, com nível de significância de 5% ($p < 0,05$). **Resultados:** entre 109 pacientes prevaleceu o sexo feminino (80,7%), 18 a 59 anos (83,5%) e ensino médio completo (42,2%). A maioria fica entre 2 e 4 horas por dia na internet (68,0%; $p = 0,992$) e já pesquisou informações de saúde na internet (84,4%; $p = 0,095$), especialmente sobre medicamentos (86,2%; $p = 0,940$). Ambos os sexos usam a internet para uma segunda opinião sobre o diagnóstico médico (homens - 52,4%; mulheres - 68,2%; $p = 0,185$), mas não discutem com os médicos suas pesquisas realizadas na internet (homens - 57,1%; mulheres - 86,4%; $p = 0,005$). **Conclusão:** a internet vem sendo utilizada com bastante frequência para acesso à

¹Acadêmica de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4805-3024>

²Acadêmica de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5459-8704>

³Acadêmica de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5090-2200>

⁴Acadêmica de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3705-6337>

⁵Acadêmica de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2967-7619>

⁶Acadêmico de Medicina. Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0251-9530>

⁷Biomédica. Doutora em Ciência da Saúde. Professora do curso de medicina, Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. E-mail: constanzathaise@yahoo.com.br ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0980-9343> **Autor para Correspondência** - Endereço: Av. Universitária, s/n - Cidade Universitária, CEP 75083-515, Anápolis, Goiás, Brasil.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

informação sobre saúde pelos pacientes, porém estes não discutem suas descobertas com o profissional, o que tende a fragilizar a relação médico-paciente.

Descritores: Uso da Internet; Acesso à Informação; Comunicação em Saúde; Assistência Centrada no Paciente; Relações Médico-Paciente.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the use of the internet by patients to access health information and the possible implications for the physician-patient relationship. **Method:** descriptive, cross-sectional and quantitative study carried out in April and May 2022 in Anápolis, Goiás. A validated questionnaire on internet use was used in the study. The G test was applied to associate internet use with sex and age group, with a significance level of 5% ($p < 0.05$). **Results:** among the 109 patients, there was a prevalence of females (80.7%), aged 18 to 59 years (83.5%), with complete high school (42.2%). Most spend between two and four hours a day on the Internet (68.0%; $p = 0.992$) and had already searched for health information on the Internet (84.4%; $p = 0.095$), especially about medications (86.2%; $p = 0.940$). Participants of sexes used the internet for a second opinion on the medical diagnosis (men - 52.4%; women - 68.2%; $p = 0.185$), but did not discuss their searches carried out on the internet with the doctors (men - 57, 1%; women - 86.4%; $p = 0.005$). **Conclusion:** the Internet has been used quite frequently by patients to access health information, but they do not discuss their findings with professionals, which tends to weaken the doctor-patient relationship.

Descriptors: Internet Use; Access to Information; Health Communication; Patient-Centered Care; Physician-Patient Relations.

RESUMEN

Objetivo: evaluar el uso de internet por parte de los pacientes para acceder a información de salud y posibles implicaciones para la relación médico-paciente. **Método:** estudio descriptivo, transversal y cuantitativo, realizado en abril y mayo de 2022, en Anápolis, Goiás. Se utilizó un cuestionario validado sobre el uso de Internet. Se aplicó la prueba G para asociar el uso de internet con el género y el grupo de edad, con un nivel de significación del 5% ($p < 0,05$). **Resultados:** entre 109 pacientes, prevaleció el sexo femenino (80,7%), con edad entre 18 y 59 años (83,5%) y con estudios secundarios completos (42,2%). La mayoría pasa entre dos y cuatro horas diarias en internet (68,0%; $p = 0,992$) y ya ha buscado información de salud en internet (84,4%; $p = 0,095$), especialmente sobre medicamentos (86,2%; $p = 0,940$). Ambos sexos utilizan internet para una segunda opinión sobre el diagnóstico médico (hombres - 52,4%; mujeres - 68,2%; $p = 0,185$), pero no discuten sus búsquedas realizadas en internet con los médicos (hombres - 57,1%; mujeres - 86,4%; $p = 0,005$). **Conclusión:** el internet ha sido utilizado con bastante frecuencia para acceder a informaciones de salud por parte de los pacientes, pero no discuten sus hallazgos con el profesional, lo que tiende a debilitar la relación médico-paciente.

Descriptores: Uso de Internet; Acceso a la Información; Comunicación en Salud; Atención Centrada en el Paciente; Relaciones Médico-Paciente.

INTRODUÇÃO

A facilidade de acesso a diversas fontes de informações fez da internet

um instrumento de grande divulgação e de inúmeras buscas em diversas áreas, em destaque na saúde, sendo um instrumento de fácil acesso e

conveniente, tornando-se o maior repositório de informações ao redor de todo o mundo¹. Dentre os principais estímulos que levam os usuários a buscar informações sobre saúde na internet, pode-se citar a facilidade de acesso a incontáveis informações e a insatisfação com os sistemas de saúde, repletos de burocracia, longas filas de espera, bem como a busca pela segunda opinião depois de um diagnóstico recebido após a consulta médica^{2,3}.

Essa facilidade na busca da informação já indica transformações na relação médico-paciente com o surgimento do chamado paciente informado ou paciente *expert*, que são indivíduos capazes de buscar informações na internet sobre doenças, diagnósticos, medicamentos e tratamentos não somente para si, mas também para terceiros, desempenhando um papel ativo no processo de decisão que envolve sua saúde e a gestão de suas condições de vida³.

Esse perfil de paciente na relação médico-paciente leva a um contraponto entre o caráter facilitador e dificultador⁴⁻⁶. Entre os aspectos facilitadores, destacam-se um maior conhecimento do paciente, desde o que é a doença, seu desenvolvimento, sinais e sintomas, prognóstico e tratamento,

podendo o paciente ser mais ativo em relação à assistência em saúde e, conseqüentemente, ter maior adesão às condutas adotadas, com intenção maior de cuidados e comportamentos pró-saúde, assim como desejo de mudança para hábitos mais saudáveis por influência virtual^{6,7}, ou seja, o usuário ganha o protagonismo na relação médico-paciente^{3,4}.

Por outro lado, essa mesma facilidade na busca de informações de saúde na internet pode dificultar ao usuário discernir o que é um conteúdo equivocado ou distorcido², tendo em vista que aquele que utiliza essa ferramenta pode estar exposto a muitas informações dúbias e inconsistentes³. Ademais, os usuários estão vulneráveis a informações que possuem conflito de interesses, como fontes comerciais que promovem tratamentos potencialmente ineficazes ou outros tipos de falsas informações de saúde^{8,9}. Nesse sentido, informações seguras e precisas podem ser benéficas, enquanto as demais podem agir de forma danosa².

Durante a pandemia da COVID-19, por exemplo, ficou bem evidente o potencial da internet como recurso que pode tanto manipular como esclarecer cenários e condições de saúde, no uso de medicamentos, vacinas e medidas de

autocuidado. Em alguns casos, os próprios profissionais de saúde podem se equivocar com essas fontes de dados, que mesmo não pertencendo a fontes oficiais, muitas vezes imitam evidências científicas e/ou utilizam figuras públicas para a persuasão em massa¹⁰. Portanto, na relação médico-paciente, o conhecimento sobre as fontes de informação, os saberes agregados e o uso destes podem ser capazes de reduzir ruídos e obstáculos para a efetivação de uma assistência de qualidade.

Contudo, existem poucos estudos recentes acerca do uso da internet pelo paciente informado na busca de informações em saúde e a relação médico-paciente diante dessa nova realidade. Além disso, reconhece-se a real necessidade de discussão sobre o tema da relação médico-paciente perante a era da informação em busca de aperfeiçoamento da comunicação entre o médico e o seu cliente.

Nesse contexto, surge a seguinte questão: “O uso da internet como ferramenta de busca de informações em saúde pode alterar a relação médico-paciente?”. Para responder a esse questionamento, o objetivo do estudo foi avaliar o uso da internet pelo paciente no acesso a informações sobre saúde e

possíveis implicações na relação médico-paciente.

MÉTODO

Estudo do tipo descritivo, transversal e quantitativo, composto de pacientes atendidos em um ambulatório universitário, no município de Anápolis, Goiás. Esse município está a 50 km da capital goiana e a 140 km da capital federal. Juntamente, essas duas cidades fazem o eixo Goiânia-Anápolis-Brasília. Incluíram-se todos os itens recomendáveis do protocolo *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) como forma de garantir o rigor metodológico.

Esse ambulatório foi inaugurado em 2015, por meio de uma parceria entre a Associação Educativa Evangélica (AEE), Fundação Universitária Evangélica (FUNEV) e prefeitura municipal, sendo que a AEE é mantida pela Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), apresentando um média mensal de 980 consultas e retornos, e os pacientes são regulados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nas especialidades de cardiologia, pneumologia, ginecologia, gastroenterologia, reumatologia, hematologia, dermatologia,

endocrinologia, neurologia, nefrologia, fisioterapia, psiquiatria e pequenos procedimentos, psicologia e nutrição. A unidade é coordenada pelo curso de Medicina e utilizada como campo de estágio pelos acadêmicos do curso.

A amostragem do estudo foi não probabilística, por conveniência, em que todos os pacientes que atenderam aos critérios de elegibilidade puderam participar da pesquisa. Incluíram-se pacientes maiores de 18 anos e atendidos por todas as especialidades exclusivas do ambulatório. Já os critérios de exclusão foram questionários incompletos, os quais apresentaram mais de três perguntas em branco, sendo excluídos quatro questionários do total.

A coleta de dados ocorreu no período de abril a maio de 2022 e utilizou-se um questionário autoaplicável validado por Moretti, Oliveira, Silva¹⁰, sendo adaptado pelos pesquisadores. O questionário estruturado foi composto de perguntas objetivas que exploram características sociodemográficas (sexo, faixa etária e escolaridade) e comportamentais (tempo em horas na internet pelo indivíduo; se já pesquisou informações sobre saúde na internet; se confia nos conteúdos fornecidos na internet; se discute com os médicos sobre as pesquisas de saúde realizadas

na internet; se faz pesquisa sobre medicamentos; e se sente desconforto na consulta quando traz alguma informação que encontrou na internet).

Os participantes foram recrutados na sala de espera para o atendimento da consulta médica e abordados com uma explanação a respeito da pesquisa, sendo uma abordagem individualizada para evitar possível constrangimento dos participantes. Após responder ao questionário, os participantes o devolveram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado, em envelopes separados e fechados para evitar identificação dos participantes.

Após o recolhimento, as respostas do questionário foram lançadas em planilhas no Programa MS Excel Office XP 2019 e conferidos por dois pesquisadores, descritas em frequência absoluta e relativa, representadas por tabelas. Posteriormente, utilizou-se o teste G (com correção de Williams) para verificar associação entre as variáveis categóricas, sexo (feminino e masculino) e faixa etária, sendo adotado o nível de significância de 5% ($p < 0,05$) para todas as análises. Os dados foram analisados por meio do *software* BioEstat, versão 5.0.

Esta pesquisa atendeu às orientações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 53067021.3.0000.5076 e parecer nº 5.288.589.

RESULTADOS

Participaram do estudo 109 pacientes, com predominância no sexo feminino (80,7%), entre 18 e 59 anos (83,5%) e ensino médio completo (42,2%) (Tabela 1).

Usam a internet de 2 a 4 horas por dia (70,6% - $p=0,992$) e procura informações sobre saúde no ambiente virtual (84,4%; $p=0,095$), independente do sexo. A maior parte usa a internet para buscar uma segunda opinião sobre

diagnóstico médico (65,1%; $p=0,185$), mas não discute com o profissional o resultado de suas pesquisas (homens - 57,1%; mulheres - 86,4%; $p=0,005$). Ambos os sexos procuram na *web* informações especificamente sobre medicamentos (86,2%; $p=0,940$) e não sentem desconfortos durante a consulta quando levam alguma informação de saúde encontrada na internet (67,0%; $p=0,313$) (Tabela 2).

A maioria dos pacientes não sabe quais são os *sites* de saúde que podem confiar para realizar suas buscas na internet (78,0%; $p=0,354$); e não que se sente mais segura e/ou confiante quando pesquisa informações na internet antes da consulta médica (72,4%; $p=0,121$). Em contrapartida, os pacientes relataram que a qualidade dos conteúdos de saúde na internet precisa melhorar (66,1%; $p=0,042$) (Tabela 3).

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos participantes. Anápolis - GO, Brasil (n=109)

Categorias	n (%)
Sexo	
Feminino	88 (80,7)
Masculino	21 (19,3)
Faixa etária	
18-59	91 (83,5)
60-89	18 (16,5)
Escolaridade	
Ensino fundamental completo	28 (25,7)
Ensino médio completo	46 (42,2)
Ensino superior completo	29 (26,6)
Não alfabetizado	6 (5,5)

Tabela 2 - Comparação das respostas dos pacientes em relação ao sexo de acordo com as pesquisas realizadas sobre saúde na internet. Anápolis - GO, Brasil (n=109)

Variáveis	Sexo			p - valor ^a
	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)	
Cerca de quantas horas por dia (casa ou no trabalho) costuma checar os e-mails e navegar na web?				
2 a 4 horas por dia	15 (71,4)	62 (70,5)	77 (70,6)	0,992
5 a 7 horas por dia	3 (14,3)	14 (15,9)	17 (15,6)	
Mais de 7 horas por dia	2 (9,5)	7 (7,9)	9 (8,3)	
Não usa a web	1 (4,8)	5 (5,7)	6 (5,5)	
Você já pesquisou informações sobre saúde na internet?				
Sim	15 (71,4)	77 (87,5)	92 (84,4)	0,095
Não	6 (28,6)	11 (12,5)	17 (15,6)	
Discute os resultados das suas pesquisas na internet por informações de saúde com seu médico?				
Sim	9 (42,9)	12 (13,6)	21 (19,3)	0,005*
Não	12 (57,1)	76 (86,4)	88 (80,7)	
Usa a internet para buscar segundas opiniões sobre diagnósticos médicos?				
Sim	11 (52,4)	60 (68,2)	71 (65,1)	0,185
Não	10 (47,6)	28 (31,8)	38 (34,9)	
Usa a web para pesquisar informações sobre medicamento?				
Sim	18 (85,7)	76 (86,4)	94 (86,2)	0,940
Não	3 (14,3)	12 (13,6)	15 (13,8)	
Discute as informações sobre medicamentos com seu médico?				
Sim	4 (19,0)	15 (17,0)	19 (17,4)	0,833
Não	17 (81,0)	73 (83,0)	90 (82,6)	
Você sente algum desconforto na consulta quando traz uma informação que encontrou na internet?				
Sim	5 (23,8)	31 (35,2)	36 (33,0)	0,313
Não	16 (76,2)	57 (64,8)	73 (67,0)	

^aTeste G. *Estatisticamente significativa.

Tabela 3 - Comparação das respostas dos pacientes em relação ao sexo de acordo com a qualidade dos conteúdos pesquisados na internet como ferramenta de informação em saúde. Anápolis - GO, Brasil (n=109)

Variáveis	Sexo			p - valor ^a
	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)	
Você sabe quais são os sites de saúde que pode confiar para fazer pesquisa?				
Sim	4 (19,1)	12 (13,6)	24 (22,0)	0,354
Não	17 (80,9)	76 (86,4)	85 (78,0)	
Você se sente mais seguro(a) e/ou confiante quando pesquisa informações na internet antes da consulta médica?				
Sim	5 (23,8)	25 (28,4)	30 (27,6)	0,121
Não	16 (76,2)	63 (71,6)	79 (72,4)	
Você acredita que a qualidade dos conteúdos referentes às informações médicas de saúde na internet precisa melhorar?				
Sim	9 (42,9)	63 (71,6)	72 (66,1)	0,042*
Não	7 (33,3)	12 (13,6)	19 (17,4)	
Não sei	5 (23,8)	13 (14,8)	18 (16,5)	

^aTeste G. *Estatisticamente significativa.

Tabela 4 - Comparação das respostas dos pacientes em relação à faixa etária de acordo com as pesquisas realizadas sobre saúde na internet. Anápolis - GO, Brasil (n=109)

Variáveis	Faixa etária		Total	p - valor ^a
	18-59 n (%)	60-89 n (%)		
Você pesquisou informações sobre saúde na internet?				
Sim	80 (87,9)	15 (27,8)	95 (87,1)	0,246
Não	11 (12,1)	3 (16,7)	14 (12,9)	
Discute os resultados das suas pesquisas na internet por informações de saúde com meu médico?				
Sim	30 (32,9)	3 (16,7)	33 (30,3)	0,157
Não	61 (67,1)	15 (83,3)	76 (69,7)	
Usa a internet para buscar segundas opiniões sobre diagnósticos médicos?				
Sim	60 (54,9)	5 (27,8)	65 (59,6)	0,003*
Não	31 (45,1)	13 (72,2)	44 (40,4)	
Usa a web para pesquisar informações sobre medicamento?				
Sim	72 (79,1)	10 (55,6)	82 (75,2)	0,048*
Não	19 (20,9)	8 (44,4)	27 (24,8)	

^aTeste G. *Estatisticamente significativa.

Realizou-se uma comparação da faixa etária (não idoso e idoso) com o uso da internet nas pesquisas de saúde, na qual se observou que ambas as faixas etárias pesquisaram informações de saúde (87,9%; $p=0,246$). A faixa etária que mais discute com os médicos sobre suas pesquisas na internet é de 18-59 anos (32,9%), e a faixa etária entre 60 e 89 anos que menos buscou informação (72,2%; $p=0,003$); e ao pesquisar informações sobre medicamento, a faixa etária que mais buscou informações sobre medicamento foi de 18 a 59 anos (79,1%), e a faixa etária de 60-89 foi a que menos pesquisou informações de saúde na internet sobre medicamento (44,4%), evidenciando diferença entre os grupos ($p=0,048$) (Tabela 4).

DISCUSSÃO

É frequente que o paciente compareça à consulta já tendo pesquisado sobre seu problema de saúde ou inquietações^{2,3,5}. No estudo, a maioria dos pacientes faz buscas de informações sobre saúde na internet, em especial as mulheres, assim como observado em outros estudos^{2,11}. Quanto ao sexo, a principal hipótese seria que grande parte das mulheres se preocupa mais com a saúde, possui frequência maior nos serviços de saúde, responde mais rápido a sinais e sinais de adoecimento, além de a maioria buscar atendimento médico após a pesquisa na internet (56,9%), com mudança na relação médico-paciente após demonstrar os conhecimentos digitais adquiridos (30,2%)¹².

Já em relação à escolaridade, pesquisadores^{13,14} apontam que o aumento dos anos de estudos influencia no volume de buscas de informações sobre saúde. Em estudo com 1.000 adultos poloneses, aqueles com maior poder aquisitivo e escolaridade tiveram uma tendência mais forte a discutir as informações pesquisadas com seus médicos⁶. Essa realidade também é semelhante em São Paulo (SP)¹⁵, em que discutir os resultados das pesquisas com o médico correlacionou-se diretamente com maior escolaridade ($p < 0,01$). Até entre aqueles com menos escolaridade a internet mostra contribuir com a saúde e na relação com o serviço de saúde¹⁶.

Prevaleceu a faixa etária 18-59 anos com maior frequência de busca, assim como em Detroit¹³, onde os pacientes mais velhos e do sexo masculino foram menos propensos a acessar a internet e encontrar informações sobre problemas de saúde ou condições médicas. Na Itália, o uso da internet para buscar informações relacionadas à saúde foi significativamente maior entre mulheres mais jovens ($t = 889 = 3,6$; $p < 0,001$) e maior para aqueles que relataram visitar seu médico menos de cinco vezes em um ano¹⁴.

A maior parte dos pacientes fica entre 2 e 4 horas por dia na *web*, semelhante a estudo do Instituto de Análises Clínicas de Santos (SP), em que mais da metade dos pacientes relatou acessar a *web* todos os dias². Esse comportamento pode ter sido modificado com a pandemia, a exemplo de estudo com idosos em território nacional em 2020, o qual verificou aumento do uso de *smartphone*, passando 4,2/dia, e aqueles mais novos ($p = 0,038$) com avaliação de saúde boa ($p = 0,009$) e maior tempo do dia sentado ($p = 0,011$) permaneciam mais horas usando o dispositivo¹⁷. Entre abril e maio desse mesmo ano, em Campina Grande (PB)¹⁸, a média do tempo autorrelatado de estudantes do ensino superior no uso de *smartphone* chegou a ultrapassar 7 horas diárias, sendo que os indivíduos com alta dependência ultrapassaram a média de 8 horas diárias, porém representa uma população que teve importantes formas de adoecimento no período, mas não buscou/conseguiu com essa mesma velocidade a assistência à saúde¹⁹.

Apesar de os homens discutirem mais suas pesquisas na internet com o médico do que as mulheres, a maioria dos participantes, independente do gênero não discute, o que pode indicar o

receio ao questionar/interferir na conduta médica ou por simplesmente não se sentir à vontade diante da postura e autoridade médica, culturalmente enraizada na sociedade³. Essa atitude dos pacientes cursa de forma negativa, especialmente por não assumir o protagonismo do seu próprio cuidado à saúde e conceber passivamente as orientações terapêuticas^{20,21}. As informações pesquisadas são, na verdade, uma ferramenta de empoderamento do paciente, que o incentiva a aprender e adquirir conhecimentos, melhorando, na maioria das vezes, sua qualidade de vida²⁰.

Outro aspecto que merece atenção foi em relação à busca de informações sobre medicamentos, são as buscas sobre medicamentos, o que poderia favorecer a automedicação¹⁰. Fenômeno já evidenciado na população portuguesa devido a diversos fatores, como promoções atrativas, praticidade e disponibilidade de diversas plataformas de *e-commerce*²².

Os pacientes também apresentam dificuldade de encontrar fontes confiáveis e que esclareçam todas as suas dúvidas^{2,20}. No entanto, é preciso considerar o letramento em saúde²³ e o letramento digital dos pacientes, pois

em ambas as dimensões o entendimento e a aplicabilidade das informações assumem caminhos diversos, nem sempre observados pelo profissional, o que de alguma maneira prejudica a relação médico-paciente. Nessa perspectiva, o profissional deve incluir em sua anamnese dados que permitam conhecer a familiaridade do paciente com a internet e recursos tecnológicos/digitais¹¹, aliando o tratamento prescrito às habilidades dos pacientes.

As principais limitações do estudo foram um único local de pesquisa e o número baixo de participantes, isso porque, em razão da pandemia da COVID-19, muitos pacientes deixaram de frequentar ambientes de saúde e, assim, acabaram não mantendo a frequência às consultas e atendimentos clínicos presenciais. Nesse contexto, o número de pessoas que frequentavam o ambulatório diminuiu e a aplicação dos questionários ficou limitada. Um dos pontos positivos mais notáveis do trabalho foi evidenciar um tema, que ao mesmo tempo em que é tão relevante é pouco explorado na literatura científica, especialmente no estado de Goiás.

CONCLUSÃO

Houve uma predominância de pacientes do sexo feminino, com a faixa etária entre 18 e 59 anos, e ensino médio completo. Ambos os sexos ficam entre 2 e 4 horas por dia na internet, sendo que a maioria já pesquisou informações sobre saúde na internet, com destaque para as mulheres. Fazem pesquisas com maior foco em medicamentos, mas não discutem em sua totalidade com os médicos.

Importante ressaltar que não é somente o acesso e a forma de utilização da internet que implicam na relação médico-paciente, questões culturais (cultura institucional, cultura profissional e cultura da comunidade), sentimento de comunidade e a própria forma como as consultas médicas são realizadas, muitas vezes não se baseando nas necessidades dos pacientes, impedem a formação de vínculos duradouros e a confiança, aspectos importantes da relação médico-paciente. Este é um grande desafio e exigirá uma formação acadêmica mais humanista e ética dos médicos, assim como um trabalho mais próximo dos conselhos de representação para auxiliar nesse processo de aprimoramento contínuo do exercício da medicina.

Futuras pesquisas são necessárias, preferencialmente

longitudinais, que abordem médicos e tragam, a partir de suas vozes, o que observam como essenciais para a relação médico-paciente, o empoderamento e a autonomia do paciente sobre sua vida e saúde, e ao mesmo tempo repensar sobre como trabalhar o fenômeno das *fake news*, infodemia e negacionismo latente às evidências científicas.

REFERÊNCIAS

1. Mesko B, Gy Rffy Z. The Rise of the Empowered Physician in the Digital Health Era: Viewpoint. *J Med Internet Res*. 2019; 21(3):e12094.
2. Coelho EQ, Coelho AQ, Cardoso JED. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente? *Rev bioét*. 2013; 21(1):142-9.
3. Knorst GRS, Jesus VM, Menezes Junior A da S. A relação com o médico na era do paciente expert: uma análise epistemológica. *Interface* (Botucatu). 2019;23:e180308.
4. Peng Y, Yin P, Deng Z, Wang R. Patient-Physician Interaction and Trust in Online Health Community: The Role of Perceived Usefulness of Health Information and Services. *Int J Environ Res Public Health*. 2020; 17(1):139.

5. Nunes AM. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação: efeitos na relação médico-paciente em Portugal. *Rev Eletrônica Comun Inf Inov Saúde*. 2018; 12(2):e1885.
6. Bujnowska-Fedak MM, Węgierek P. The Impact of Online Health Information on Patient Health Behaviours and Making Decisions Concerning Health. *Int J Environ Res Public Health*. 2020; 17(3):880.
7. Lu X, Zhang R, Wu W, Shang X, Liu M. Relationship Between Internet Health Information and Patient Compliance Based on Trust: Empirical Study. *J Med Internet Res*. 2018; 20(8):e253.
8. Al-Jefri M, Evans R, Uchyigit G, Ghezzi P. What Is Health Information Quality? Ethical Dimension and Perception by Users. *Front Med (Lausanne)*. 2018; 5(260):1-10.
9. Banerjee A, Singh S. Internet and doctor-patient relationship: Cross-sectional study of patients' perceptions and practices. *Indian J Public Health*. 2019; 63(3):215-219.
10. Nascimento VF, Hattori TY, Terças-Trettel ACP, Lellis MB. Mapeamento de buscas eletrônicas dos medicamentos mais populares na pandemia da COVID-19 no Brasil. *Rev cub inf cienc salud*. 2021; 32(3):e1697.
11. Magsamen-Conrad K, Dillon JM, Verhoff CB, Faulkner, SL. Online Health-Information Seeking Among Older Populations: Family Influences and the Role of the Medical Professional. *Health Commun*. 2019; 34(8):859-871.
12. Teixeira EM, Guaraciaba APB, Santos ACA, Guedes BLS, Terra CMD, Campos IB, et al. O impacto das informações médicas obtidas através da internet na relação médico-paciente. *Braz j health rev*. 2021; 4(6):25225-25239.
13. Schwartz KL, Roe T, Northrup J, Meza J, Seifeldin R, Neale AV. Family Medicine Patient's use of the internet for health information. *J Am Board Fam*. 2006; 19:39-45.
14. Bianco A, Zucco R, Nobile CGA, Pileggi C, Pavia M. Parents seeking health-related information on the Internet: cross-sectional study. *J Med Internet Res*. 2013; 15(9):e204.
15. Cruz AL, Minato ACS, Mourão IB, Pereira DN, Oliveira MH, Schmitt JV. O uso da internet para obtenção de informações dermatológicas em pacientes da rede pública: estudo transversal. *An bras dermatol*. 2022; 97(4):528-531.

16. Krug RR, Silva AQA, Schneider IJC, Ramos LR, d'Orsi E, Xavier AJ. El efecto del uso de computadoras e Internet en la función cognitiva de las personas mayores. *Lect educ fís deportes*. 2021; 26(275):179-195.
17. Abdon APV, Barros MCDV, Abreu CCT, Falcão TN, Oliveira e Sousa JG, Mont'Alverne DGB. Tempo de uso do smartphone e condições de saúde relacionadas em idosos durante a pandemia da covid-19. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol*. 2022;25(6):e210194.
18. Castellon LAS, Dantas FG, Sá LBM, Medeiros LGR, Cavalcanti JB, Souza RADC. Aspectos psicológicos da dependência de smartphone no contexto da pandemia de Covid-19. *Res soc dev*. 2022; 11(11):e102111133556.
19. Oliveira Souza FRA, Nascimento VF, Martinez Espinosa M, Pillon SC, Wagstaff C, Terças-Trettel ACP. The COVID-19 pandemic's risk factors for depression among postgraduate healthcare students. *Salud Mental*. 2023; 46(4):211-220.
20. Kostagiolas PA, Patsiouras C, Anagnostopoulos I. Factors influencing the use of online health information by patients with chronic diseases: a systematic review. *J Med Internet Res*. 2023; 25(1):e28722.
21. Koo K, Abelson JS, Deepak A. Patient internet use for health information at three urban primary care clinics. *J Community Health*. 2019; 44(5):899-904.
22. Tomé JPR. Influência do e-commerce na venda de medicamentos contrafeitos - abordagem à realidade portuguesa [dissertação]. Porto: Universidade do Porto; 2020. 78p.
23. Vaz de Almeida C, Piber RS. Literacia em saúde: aspectos filosóficos, sociais e jurídicos. *J Health NPEPS*. 2022; 7(1):e6235.

Financiamento: Os autores declaram que não houve financiamento.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Participação dos autores:

- **Concepção:** Folgosi F, Reis JF, Lauck AJM, Conceição EAD, Malheiros A, Marques JPF, Silva CTX.
- **Desenvolvimento:** Folgosi F, Reis JF, Lauck AJM, Conceição EAD, Malheiros A, Marques JPF, Silva CTX.
- **Redação e revisão:** Folgosi F, Reis JF, Lauck AJM, Conceição EAD, Malheiros A, Marques JPF, Silva CTX.

Como citar este artigo: Folgosi F, Reis JF, Lauck AJM, Conceição EAD, Malheiros A, Marques JPF, et al. Acesso a informações sobre saúde na internet e possíveis implicações na relação médico-paciente. J Health NPEPS. 2023; 8(1):e10922.

Submissão: 26/02/2023

Aceito: 01/06/2023